

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**A ENCICLOPÉDIA DA ESTÓRIA UNIVERSAL DE AFONSO CRUZ: REFLEXÕES
SOBRE A OBRA E POSSÍVEIS CONEXÕES**

Hanna Hsu de Oliveira

Rio de Janeiro

2023

HANNA HSU DE OLIVEIRA

A ENCICLOPÉDIA DA ESTÓRIA UNIVERSAL DE AFONSO CRUZ: REFLEXÕES
SOBRE A OBRA E POSSÍVEIS CONEXÕES

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Letras na habilitação de
Português/Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Salles.

RIO DE JANEIRO

2023

Agradecimentos

A Deus, por sempre estar presente em minha vida, escutando e guiando-me em todo o processo de feitura desse trabalho e em todos os meus passos.

À minha mãe, Hsu Yun Chyi, minha tia, Hsu Yun Lin, e minha avó, Lu Yu Chiao, por todo amor, cuidado e carinho em todos os segundos da minha vida e por sempre me incentivarem a lutar pelos meus sonhos e pelo que acredito.

Ao meu companheiro, André Filho, por todo amor, carinho, acolhimento, palavras de incentivo e abraços reconfortantes nos dias difíceis.

Às minhas gatas, Kika e Amora, e minha falecida cadelinha, Nina, por todo companheirismo e carinho em todos os momentos, mas principalmente durante a pesquisa e escrita deste trabalho.

Aos meus amigos, Hillary de Jesus, Juliana Melo e Wesley Lima, por sempre acreditarem no meu potencial, mesmo em momentos que eu mesma não conseguia fazê-lo, e por todos os momentos.

À minha orientadora, Luciana Salles, por ser o exemplo de professora que desejo me tornar e por acalmar meu coração em muitos momentos durante a pesquisa, sempre me fazendo acreditar que posso ir além.

Aos professores, Mônica Genelhu, Marlon Augusto Barbosa, Paulo Braz, Sofia Maria de Sousa, Gustavo de Mello, Welton Pereira, Aline Ponciano, Cristina Uflacker, Renan Ji, Wellington Santos e Fábio de Castro por todo o suporte emocional e profissional, mas, principalmente, por toda a inspiração.

Aos professores e amigos da Cátedra Jorge de Sena da UFRJ, meus sinceros agradecimentos a todos os incentivos, abraços e momentos de risada que sempre tornaram tudo mais leve.

Aos bibliotecários da Biblioteca José de Alencar, principalmente ao bibliotecário, Gabriel Gaia, por toda a simpatia e companhia nas tardes de estudo.

Aos amigos e familiares, pelo apoio, compreensão e incentivo nos momentos em que tive que me dedicar exclusivamente aos estudos.

A todos, meu eterno agradecimento.

Resumo

Afonso Cruz é um dos autores da literatura portuguesa contemporânea que ganha destaque pela multiplicidade de lugares que ocupa tanto em sua vida profissional — sendo um indivíduo com diversas profissões, aspecto multifacetado do ser e que é muito coerente com a realidade do hiperestímulo em que vivemos — como, particularmente, como escritor. O autor publicou mais de 30 obras desde 2008. Dentre elas, uma (ou algumas) ganham um destaque especial: *A Enciclopédia da Estória Universal*. Lançada em 2012, essa *Enciclopédia* conta, até o momento, com 8 volumes que, provavelmente, ainda ganhará novos volumes. Dentre seu conteúdo, vemos uma mistura de gêneros e autores que conferem à obra um caráter único e fascinante. Este trabalho visa, portanto, analisar a obra de Cruz como um todo e relacioná-la a diversos conceitos e autores, buscando uma compreensão maior dessa obra tão singular de Afonso Cruz.

Palavras-chave: 1. Literatura portuguesa. 2. Literatura contemporânea. 3. Afonso Cruz 4. Enciclopédia 5.. I. Salles, Luciana dos Santos, orient.

Introdução

Afonso Cruz iniciou a publicação da *Enciclopédia da Estória Universal* em 2012. A obra contém um formato enciclopédico, porém um conteúdo que brinca com a origem da própria enciclopédia. Nela, encontramos contos, verbetes, citações e imagens no lugar daquilo que normalmente faria parte desse gênero. Essa modificação demonstra um pensamento crítico do autor em relação ao conteúdo da enciclopédia de forma sutil — uma das marcas de Cruz.

A obra de Cruz encaixa-se num contexto da literatura contemporânea portuguesa, com marco inicial na Revolução de 25 de abril de 1974 (ou Revolução dos Cravos) que derrubou a ditadura de Salazar em vigor desde 1926. A partir desse momento que pode-se pensar numa literatura livre de censura e dotada de muita crítica em relação aos acontecimentos durante e após o fim da ditadura, como mostram outros autores pertencentes a esse mesmo contexto. Patrícia Lino, por exemplo, com sua obra *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* (2020).

Percebe-se, então, que a (des)construção de gêneros e o senso crítico são marcas registradas das obras pertencentes a esse contexto pós-revolução, principalmente na *Enciclopédia* de Cruz. Considerando todos os aspectos citados, este trabalho se propõe a analisar os 8 volumes da enciclopédia de Afonso Cruz publicados até o presente momento, analisando a estrutura da enciclopédia e relacionando com diversos aspectos que parecem pertinentes às diversas temáticas que a obra apresenta.

A Enciclopédia da Estória Universal, de Afonso Cruz: reflexões sobre a obra e possíveis conexões

O autor português contemporâneo Afonso Cruz publicou em 2012, o primeiro volume da sua obra intitulada *Enciclopédia da história universal*. A obra possui, até o momento, 8 volumes, em que seus subtítulos são: *Recolha de Alexandria* (2012), *Arquivos de Dresner* (2013), *Mar* (2014), *As reencarnações de Pitágoras* (2015), *Mil anos de esquecimento* (2016), *Biblioteca de Brasov* (2018), *Deuses e Afins* (2022) e *Recolha de Morel* (2022). Como o próprio nome já diz, a obra possui um formato enciclopédico e, ao mesmo tempo, poderíamos dizer que um carácter lúdico. O conjunto possui camadas e aspectos mais profundos que fazem jus ao seu encaixe no recorte contemporâneo, em que a desconstrução de formas canônicas é a característica principal transformando sua forma enciclopédica em espécie de reflexão sucessiva e inacabada a partir das diversas histórias que apresenta – construídas de diversas formas esteticamente híbridas. Assim, podemos pensar a obra de Cruz através de uma série de aspectos.

Forma e conteúdo:

A obra de Cruz pode ser relacionada com conceitos da semiologia barthesiana (ciência geral dos signos e que Barthes coloca-a como parte da linguística, contraponto que ele estabelece com Saussure), cuja discussão principal gira em torno do signo. O signo é composto, na terminologia saussuriana, pelo significado e pelo significante, sendo o primeiro uma representação psíquica, um plano do conteúdo, um conceito, e o segundo, a imagem acústica, um plano da expressão. E a significação é um processo de união do significado e do significante, formando o signo.

Barthes escreve em sua *Aula*:

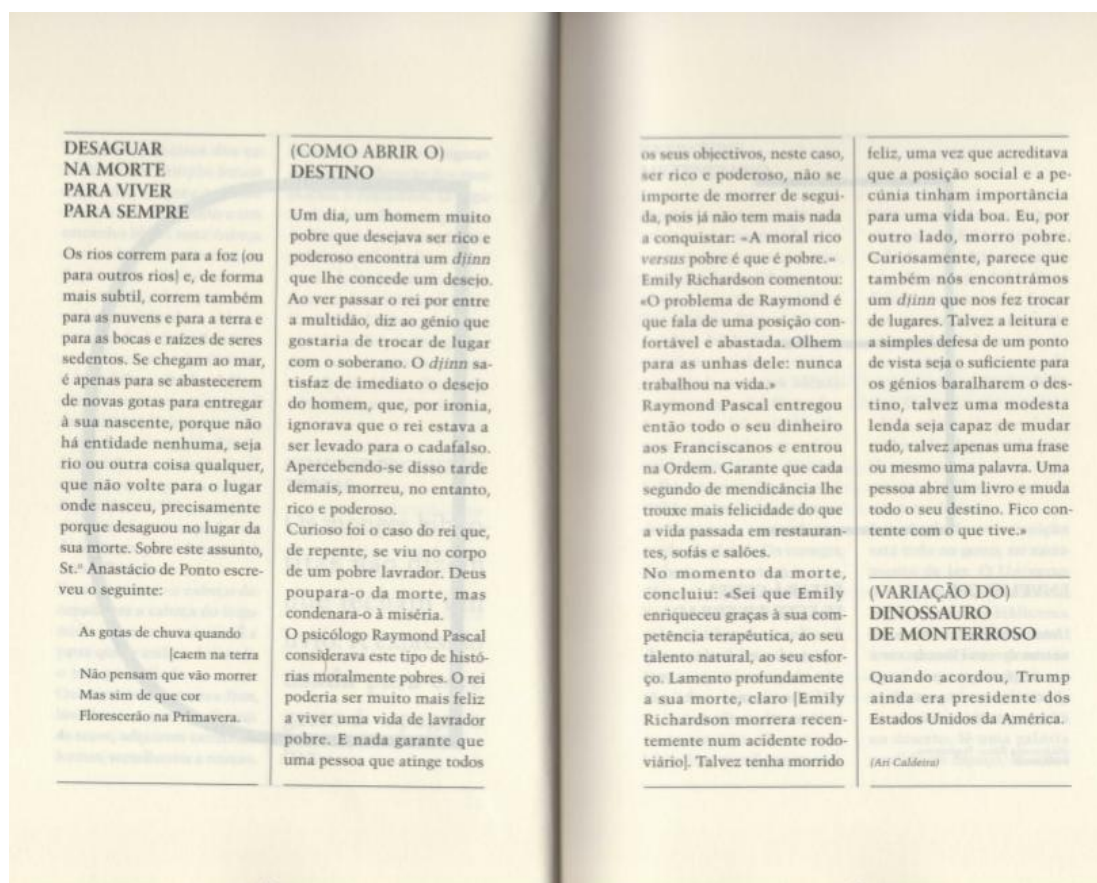
A semiologia seria, desde então, aquele trabalho que recolhe o impuro da língua, o refugo da linguística, a corrupção imediata da mensagem: nada menos do que os desejos, os temores, as caras, as intimidações, as aproximações, as ternuras, os protestos, as desculpas, as agressões, as músicas de que é feita a língua ativa. (Barthes, 2012, p.30).

Na primeira perspectiva, a *Encyclopédie* é a suprema obra do iluminismo, tendo o

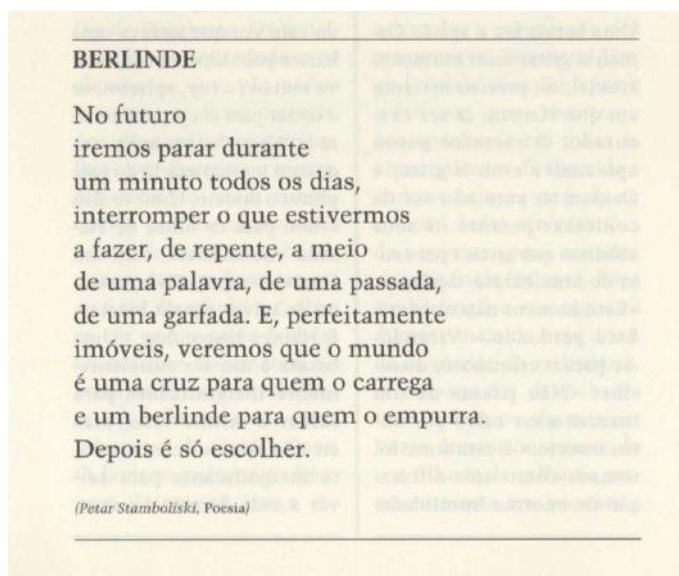
ano de 1772 como o da última publicação e 1770 como o seu momento de maior destaque, já que foi nesse contexto que houve a difusão do movimento iluminista em grande escala. Ela foi criada por Denis Diderot – filósofo e escritor francês – e Jean le Rond d'Alembert – filósofo, matemático e físico francês – como uma compilação de informações em forma de manifesto filosófico, dividido em 28 volumes in-folio (método de impressão em que uma folha é impressa e dobrada ao meio, de modo que os cadernos tenham 4 páginas cada).

A enciclopédia é uma obra de caráter herético, pois seus autores reconheciam formalmente a autoridade da igreja, mas deixavam claro que o conhecimento era provindo dos sentidos, logo o agente ordenador era a razão. Assim, os leitores podiam encontrar heresias disseminadas de forma escondida, devido à censura em toda a obra, numa espécie de atividade lúdica, uma espécie de caça ao tesouro. Portanto, temos como significante <<e-n-c-i-c-l-o-p-é-d-i-a>> e como significado um livro que traz o registro dos conhecimentos segundo princípios filosóficos. Notamos que na *Enciclopédia da Estória Universal* o significante é o mesmo, porém o significado é modificado pelo autor português, já que o que compõe o abecedário da obra são verbetes, contos, ditados, etc., como se exemplifica na imagem abaixo:

A



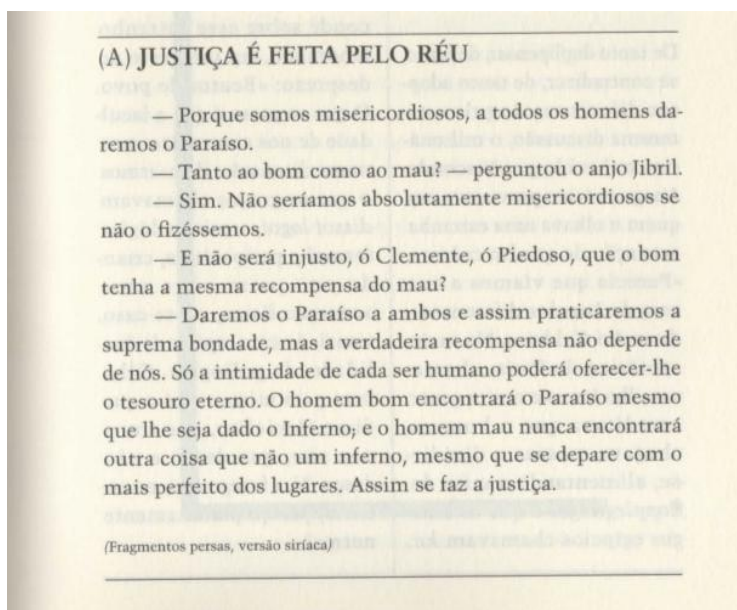
Desse modo, a significação é realizada, porém numa nova configuração, dando voz a uma nova forma de fazer uso dos gêneros. Cruz, então, realiza essa desconstrução como mais uma maneira de romper com a tradição não só da forma, mas também do conteúdo. Dessa quebra nasce algo novo: as obras detentoras da intergenericidade ou intertextualidade intergêneros. Esse novo gênero seria correspondente a uma fusão de gêneros distintos para cumprir um propósito de comunicação. Logo, a obra de Cruz pode ser vista sob uma das perspectivas da ruína, uma (des)construção que cria algo novo. Quanto ao conteúdo dessas obras, Cruz faz uso de autores renomados como, por exemplo, irlandês Oscar Wilde, mas também coloca personagens de suas próprias obras e inventa outros, num exercício de retomada da sua própria literatura (do seu próprio fazer poético), como seu possível heterônimo denominado Petar Stamboliski¹, como observamos:



E, ainda, traz à tona literaturas pouco conhecidas e advindas de uma cultura não

¹ O mestrando Eduardo Narciso Bicalho da Universidade Federal do Rio de Janeiro defenderá em breve uma dissertação que sustenta essa hipótese de forma mais detalhada.

eurocêntrica como, por exemplo, um fragmento persa:



Biblioteca de Brasov (2018) – p. 59.

Nesse sentido, Cruz se aproxima da poeta Sophia de Mello Breyner Andresen. Na sua obra intitulada *Navegações* (2015), a poeta aponta para que seja preciso nomear para dar existência e, mais que isso, busca fazer com que o leitor tenha esse primeiro olhar revelador para si — e não para o outro, já que a ausência de conhecimento não é sinônimo da inexistência da coisa. Logo, o português busca inserir na perspectiva dos leitores as culturas que foram e ainda são inferiorizadas pelo pensamento eurocêntrico, colocando-as em sua obra e fazendo uso do fato de ser um escritor do país de Camões para dar voz aos que sofreram com a colonização portuguesa ou que são de culturas inferiorizada pela lógica colonial na íntegra.

Esse exercício é muito coerente com o fato de Afonso Cruz ser um autor que possui sua existência localizada num contexto próximo a Revolução dos Cravos — movimento que derrubou a ditadura salazarista, em 25 de abril de 1974, e que ganhou esse nome porque os portugueses davam cravos aos militares que os colocavam na ponta de seus armamentos, de modo que não houve derramamento de sangue —, em que a discussão e o pensamento decolonial se tornava possível. Movimento esse muito necessário, já que a literatura portuguesa é fortemente marcada por um nacionalismo extremo, refletindo, muitas vezes, um eco da exaltação aos grandes feitos portugueses em séculos de escrita,

num misto de história e mito e que só após essa revolução pode ser quebrada, abrindo espaço a culturas não eurocêntricas.

A heteronímia na literatura portuguesa e em Afonso Cruz:

Como diz Cleonice Berardinelli na obra intitulada *Fernando Pessoa: Outra vez te revejo...* (2004), Fernando António Nogueira Pessoa é o “agitador de ideias” da geração *Orpheu* e um consagrado escritor da literatura portuguesa, de forma que é praticamente impossível pensar em Portugal ou em literatura portuguesa e o nome de Pessoa não surgir na mente. Dentre as características mais marcantes de sua esplêndida escrita, podemos considerar a criação de seus heterônimos como um dos principais motores de sua poesia. Como exemplo, cabe citar o complexo e intrigante caso de Carlos Fradique Mendes, poeta satânico — fato interessante para um país como Portugal em que prevalece a religião católica até os dias de hoje — que criticava a sociedade e um heterônimo coletivo dividido entre Eça de Queirós, Antero de Quental, Batalha Reis, Ramalho Ortigão e José Eduardo Agualusa.

De acordo com José Paulo Cavalcanti Filho, em sua obra intitulada *Fernando Pessoa uma quase autobiografia* (2011), “[h]eterônimos são pessoas imaginárias a quem se atribui uma obra literária, com autonomia de estilo em relação ao autor”. Dessa forma, ao todo são mais de 127, porém os 3 principais heterônimos de Pessoa são Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. De acordo com Berardinelli (2004), Pessoa criava um mundo de seus ao redor de si desde criança, levando esse cosmos particular até a vida adulta, dando origem aos heterônimos.

Seus 3 principais heterônimos eram de uma complexidade tremenda que é difícil acreditar que de fato não existem em carne e osso. Fernando Pessoa os criou de forma que tinham uma “personalidade completa”, no sentido de possuírem data de nascimento (e, portanto, um signo), características físicas, seu estilo de escrita, sua profissão e uma parte do próprio Pessoa inserido em cada. Ricardo Reis nasceu em 19/09/1887, em Porto, seu signo é virgem, possui cabelos castanhos e usa óculos, fez medicina, é um poeta do estilo clássico e herdou de Pessoa sua disciplina mental, tendo como o desencanto seu tema preferido. Alberto Caeiro nasceu em 16/04/1889, em Lisboa, seu signo é áries, possui cabelos loiros e olhos azuis, vive de pequenas rendas (de forma que não tem uma profissão específica), é um poeta do estilo primitivo, herdou de Pessoa sua despersonalização

dramática, tendo a natureza como seu tema preferido. E Álvaro de Campos, nascido em 15/10/1890, em Tavira, seu signo é Libra, possui cabelos pretos, é engenheiro naval, e um poeta do estilo sensacionalista. Herdou de Pessoa a emoção, tendo a solidão como tema preferido.

Com isso, podemos notar que os poemas atribuídos a esses heterônimos não são o único fator que chama a atenção, mas também o nível de complexidade de cada um e a presença deles na vida de Pessoa, como se o acompanhassem desde seu nascimento, e como o protagonismo de cada um parece transpassar as barreiras do outro, de forma que Pessoa parece, em alguns textos, misturar os heterônimos de forma que escreve com variações de letras, de caneta e de opiniões, sobre um mesmo tema, de maneira que seus heterônimos estão fundidos ao próprio poeta. De fato, eles possuem uma autonomia de estilo em relação a Fernando Pessoa, porém estão intrinsecamente ligados a ele e sua história pessoal.

Em sua obra, Afonso Cruz também cria personagens que podem ser vistos como personagens que são escritores criados por ele — ou seja, personagens autores — ou heterônimos do próprio Cruz. Entretanto, pensando na segunda possibilidade, vemos que os supostos heterônimos de Cruz não possuem o nível de complexidade se comparados aos de Pessoa. Além disso, Cruz não possui uma história desde a infância ou já explicitou uma conexão muito pessoal para justificar a criação dos heterônimos. Surge a dúvida: qual a diferença entre a heteronímia de Pessoa e de Cruz?

Como já dito anteriormente, parece que ao nascer Pessoa, nascem os heterônimos, como uma consequência, uma ligação impossível de ser quebrada. Não há uma escolha, uma decisão consciente sobre a criação dos mesmos, não à toa que Pessoa diz: “[n]ão são pensamentos meus, mas pensamentos que passam através de mim. Não me sinto inspirado, delírio” (Cavalcanti Filho, 2011, p. 223). É como se o poeta fosse o meio pelo qual os heterônimos escrevessem, pois só existem no plano mental de Fernando Pessoa, mas, ao mesmo tempo, fundem-se ao poeta em determinados momentos. Vemos, então, que a heteronímia de Fernando Pessoa é uma questão íntima, uma questão pessoal que acabou extravasando e se tornando, concomitantemente, uma questão da literatura e da Teoria Literária.

Já a suposta heteronímia de Afonso Cruz parece muito divergente de Pessoa, na perspectiva de que não parece haver uma conexão hiper pessoal. Pelo contrário, a criação dos heterônimos de Cruz parece se relacionar com os conceitos de *Erfahrung* (experiência)

e *Erlebnis* (vivência) estudados por Walter Benjamin.

Sigmund Freud, no século XIX, criou uma teoria que põe consciência e memória em oposição. Para o pai da psicanálise, todo homem possui uma percepção-consciência que não tem a função de guardar marcas e sim de ser um receptor de estímulos para agir no mundo e lidar com seus embates alarmantes. Logo, caberia à memória a função de armazenamento. Assim, para Benjamin, esta memória com capacidade de armazenamento está conectada à experiência e a consciência está ligada à vivência, pronta para lidar com os inúmeros estímulos da vida moderna.

Walter Benjamin, então, defende que as mudanças rápidas do mundo capitalista são as grandes causadoras do declínio da memória e a predominância da percepção-consciência, de forma que denomina *Erniedrigung* (degradação) este processo de diminuição da experiência — já que, segundo o autor, esta precisa de memória, tempo e ócio para ser absorvida, fatores praticamente incompatíveis com a acelerada vida moderna — em detrimento da predominância da vivência. Assim, a memória do século XX encontra-se esvaziada já que na modernidade não existe experiência a ser dividida ou transmitida para as próximas gerações. Permanece, então, para Walter Benjamin, a vivência, que é o combustível para manter a consciência em modo alerta como uma espécie de mecanismo de defesa das situações cotidianas que causam atrito ou *Schockformiges* (Choque).

Nesse sentido, observando as diferentes perspectivas da heteronímia em Pessoa e Cruz, podemos chegar à conclusão de que Pessoa escreve para poder viver, na medida em que sua heteronímia está intrinsecamente ligada a questões pessoais e Cruz vive para depois escrever, privilegiando a vivência de Benjamin. Vemos, então, que a *Enciclopédia da Estória Universal* de Afonso Cruz se destaca por seu modelo (des)construtivo. Desta forma, enquanto desconstrói um modelo de difusão de informações que é a enciclopédia tradicional — sendo a difusão de informações a responsável pelo declínio da arte da narrativa —, constrói uma obra que é dotada de um conteúdo narrativo, utilizando o próprio modelo literário. Afonso torna-se o que Benjamin chama de o narrador ideal, sendo aquele que pertence a uma sociedade que possibilita o esquecimento de si mesmo para que haja a efetivação da experiência de forma que possa ser transmitida para as próximas gerações. E, o mais interessante, é justamente a seleção de conteúdos dessas narrativas, que privilegiam locais que foram afetados e que tiveram o apagamento de suas histórias pela lógica imperialista de épocas passadas e que deixa rastros até os dias de hoje.

Além disso, Benjamin contrapõe as narrativas com as chamadas *short story*, citando Valéry, “o homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.”(apud Benjamin, Idem, Ibidem). Porém, as *short story* que compõem a enciclopédia de Afonso possuem a característica de trazer reflexões e contrapõem-se entre si, instigando o leitor a desenvolver sua consciência crítica de forma que, apesar de conter um conteúdo curto ou “abreviado”, configuram-se como sementes que fecundam na mente do leitor, opondo-se às informações rápidas e sem muito desenvolvimento ou instigação crítica que temos nos diversos meios de comunicação modernos.

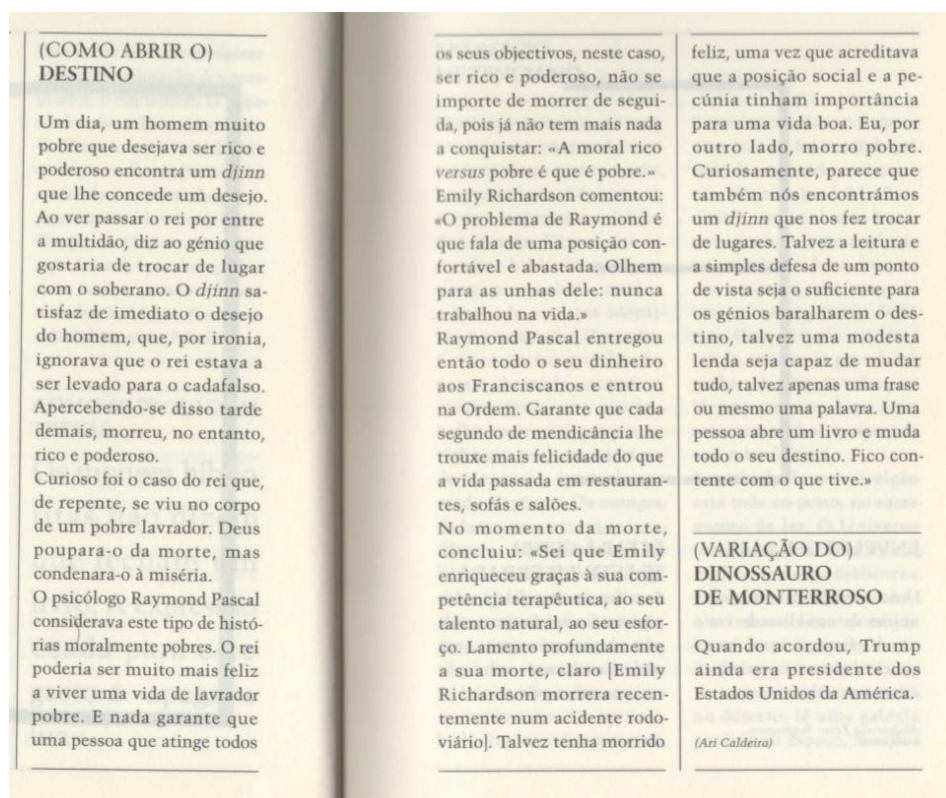
Pode-se dizer, então, que a suposta heteronímia de Cruz não é o grande foco de sua obra — diferente de Pessoa, que possui a heteronímia como uma das principais características de sua escrita — e sim as mensagens que suas pequenas narrativas transmitem ao leitor, mensagens que serão diferentes dependendo da interpretação que o leitor dá a ela, mas que sempre apontam na direção do outro, o outro que foi esquecido durante a história, que não tem sua vida, cultura ou hábitos privilegiados. Tanto que, os heterônimos de Afonso não são de origem portuguesa como os principais de Pessoa, fato que nota-se pelos nomes e sobrenomes típicos de alguns lugares, como seu suposto heterônimo Petar Stamboliski, um poeta búlgaro que viveu os últimos anos acolhido por uma tribo indígena manauara, os Abokowo.

O espelhamento: dialética hegeliana, Didi-Huberman e uma pitada de Camões:

A dialética consiste no desenvolvimento de um conceito a partir de si mesmo, num movimento de progressão constante que não consiste na afirmação de uma diferença entre 2 coisas e sim numa compreensão daquilo como um todo, numa espécie de vir-a-ser. Assim, dialética é o movimento que envolve essas questões e a compreensão desse movimento. Um dos fomentadores da dialética é Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo alemão que defendia seu ideal de uma união entre ser e pensamento, chegando a um verdadeiro real. Isso seria feito por meio da lógica, que era definido por Hegel como: “[a] Lógica deve ser concebida como o sistema da razão, como o reino do pensamento puro. Este reino é o da verdade, tal como ela existe em-si-e-para-si.” (I, p.35). Nesse sentido, chega-se à lógica por meio da passagem de seus três momentos essenciais: a lógica do ser; a lógica da essência e a lógica do conceito. O primeiro refere-se a um resgate de uma percepção imediatista do mundo, que nos apresenta tudo como um conjunto de coisas isoladas, ou seja, dicotomias, já a segunda nos faz ir além do imediato, buscando nas

relações que fundam e unem o ser imediato, assim explora-se a reflexão, vendo não somente as coisas puras e simples e sim suas respectivas relações e, por fim, na terceira, trabalha-se a ação recíproca das coisas, tudo é atividade e passividade, concomitantemente, assim surge o conceito que é a unidade do real e do próprio conceito. Assim, a lógica nasce a partir deste movimento do pensamento e da unificação de tudo em um só e, ao mesmo tempo, das coisas em si, logo cada indivíduo terá sua própria percepção sobre as coisas e isso que o torna um indivíduo, em um movimento de construção constante, concordante com um dos pilares que Hegel defende como a vida: a autonomia.

Cruz a todo tempo em sua enciclopédia defende a importância da literatura para o ser humano, como, por exemplo, em:



Biblioteca de Brasov (2018) – p. 32.

E, entende-se que é por meio da autonomia que Hegel defende que o indivíduo aproxima-se da literatura e possibilita essa troca, esse movimento, entre o que está sendo lido e os conhecimentos prévios do indivíduo, possibilitando uma espécie de espelhamento entre ambos e que modifica tanto a escrita quanto o indivíduo – já que o permite um conhecer fora do que já sabe. A literatura, portanto, é uma grande oportunidade dialética para os leitores e, por isso, é tão defendida por Afonso Cruz, que em sua obra expande as fronteiras desse espelhamento, trazendo referências culturais diversificadas. Seguindo essa

linha de pensamento do espelhamento, o filósofo francês e crítico da arte Georges Didi-Huberman em seu livro intitulado *O que vemos, o que nos olha* (1998), escreve que: “O que vemos só vale — só vive — em nossos olhos pelo que nos olha”. Portanto, o filósofo francês defende um paradoxo de que o ato de olhar só é efetivo ao desdobrar-se em dois, em dois caminhos, como um reflexo, um espelhamento. Assim como na dialética de Hegel, modificamos um livro ao tocá-lo, lê-lo, refletir sobre ele, num registro invisível dentre suas páginas e ele também “escreve” em nós, marcando-nos com suas ideias e reflexões que realizamos a partir de seu conteúdo.

Além disso, a questão das crenças também se faz presente no livro de forma que esta só é válida a partir de um jogo de polaridades. Portanto, um herói só tem sua validade perante a um vilão, caso contrário ele não será um herói. Há um exercício de invocação/reinvocação – uma espécie de chamado que realiza a conexão entre algo e seu par antagonico, numa relação dialética de essência puramente camoniana, em que os termos opostos permanecem como estão, mas são vistos como uma forma de complementaridade e não de conflito, fugindo do comumente achar que a dialética seria a neutralização ou fusão dos pólos, o que suprimiria a essência de ambos, já que implicaria uma transformação.

Na obra de Afonso Cruz parece haver não somente um chamado, mas um grito em relação ao cânone literário e tudo o que ele representa. Desde o jogo de sua forma, até seu conteúdo, a desconstrução se faz presente de forma a ressignificar cada detalhe referente ao passado, reivindicando um novo tipo de literatura, que não necessita suprimir as antigas, mas apenas se portar de forma diferente, de forma inclusiva e aberta, em concordância com as crenças atuais e que, ao mesmo tempo, coexiste com o cânone e também exige um reconhecimento social de sua importância. O conteúdo que compôs as obras conhecidas como clássicas da literatura portuguesa foram de fato vividos ou inspirados por uma vivência real, em sua maioria. Logo, obras contemporâneas também precisam ser escritas de forma que haja um registro e apresentem uma oportunidade de reflexão e compreensão acerca do *status quo* dos tempos modernos, movimento que Cruz realiza muito bem com sua enciclopédia que possui um tom crítico forte sob a aparência inocente e sutil de seus verbetes.

Biblioteca infinita em que se encontra Alice

Jorge Luis Borges, escritor, poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino,

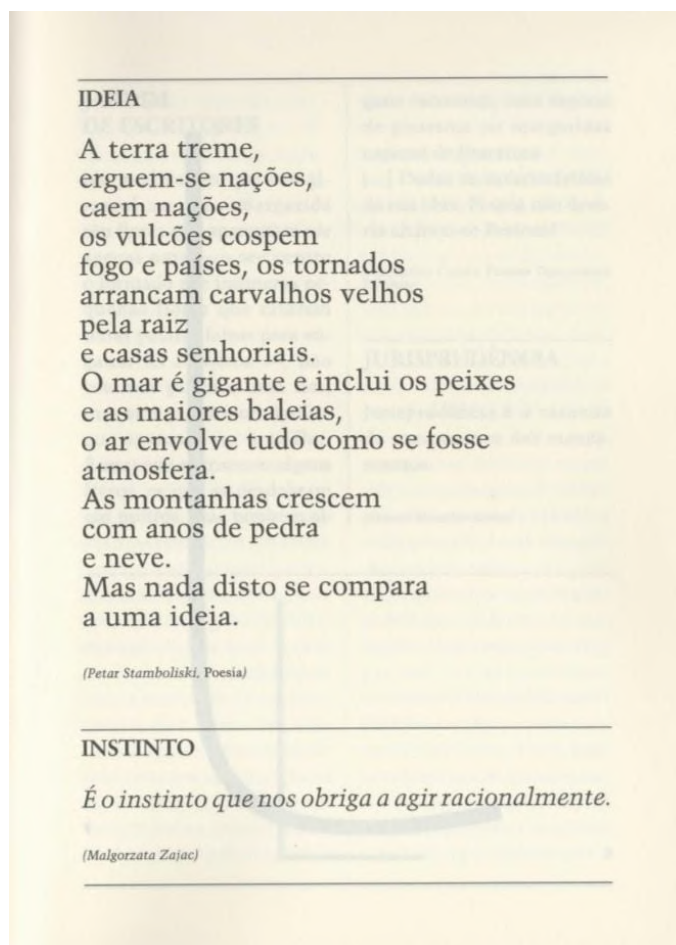
publicou o livro intitulado *Ficções*, em 1944, que é composto por uma coleção de contos. Dentre eles, está o conto “A Biblioteca de Babel”, em que realiza a comparação da biblioteca com o universo e que possui dois ‘sanitários minúsculos’: um que permite dormir em pé e outro que permite fazer as necessidades. Assim, Borges compara a literatura não somente como um universo, mas também com o alimento, a nutrição, pois numa tríade de necessidades humanas (dormir, comer e defecar), a literatura representa mais do que o alimento, a nutrição — tópico que pode ainda ser entendido como um jogo em relação a necessidade de nutrição humana. Será que precisamos somente da nutrição alimentar ou o intelecto também precisa ser nutrido? Dentro desta biblioteca, apesar de aparentar uma estrutura geográfica inicial, desdobra-se e multiplica-se em diversas partes, como uma espécie de labirinto, metáfora para o caminho que o indivíduo percorre ao mergulhar na literatura. 0

Além disso, um tema muito abordado não só nesse conto, mas na escrita de Borges como um todo é a história e a memória. Ambas possuem como fundamentação o passado, sendo a história o que literalmente ocorreu e a memória a percepção subjetiva e o que ficou guardado daquele acontecimento histórico. Logo, a partir da história, cria-se uma interpretação, que é a memória e, a partir disso, escreve-se. Assim, o exercício da escrita é uma forma de controle do passado, possibilitando um contato entre passado e presente. O autor Júlio Pimentel Pinto diz em seu livro sobre a escrita de Borges, intitulado *Uma Memória do Mundo*, o seguinte:

Construir história, então, é ser capaz de, para preservar esse efeito de continuidade, localizar sinais da manutenção do passado. Sinais, indícios, pistas: o vocábulo oscila entre a semântica da semiologia, da psicanálise, da polícia. Não é porém apenas catar sinais - trabalho que também é do historiador - é criá-los: aí se conforma a distinção com a história, cujo compromisso com a verossimilhança enuncia a presença de alterações no percurso do passado. Mais aparentada à ficção do que à história, a memória atribui importância a tudo que evoca o passado e assegura sua manifestação no presente. (Pimentel Pinto, 1998, p.293)

Assim, Afonso Cruz, ao selecionar os contos, verbetes e entre outros que estão inseridos em sua *Enciclopédia* procura criar um efeito de continuidade, valorizando, principalmente, culturas desvalorizadas pelo cânone literário, de forma a manter suas respectivas sobrevivências e realizando essa ponte entre passado e presente, de maneira que gere uma reflexão nos leitores sobre o motivo pelo qual as literaturas dessas culturas

são pouco conhecidas e propagadas e, também, alertar sobre a importância de não ocorrer novamente uma supressão sobre essas literaturas. E, assim como “A Biblioteca de Babel”, de Borges, Cruz também cria uma espécie de biblioteca infinita, pois cada um dos textos de sua obra é capaz de abrir portas para outros e assim sucessivamente, criando um efeito de busca interminável pelo conhecimento e que pode ser feito por meio de qualquer caminho dentro de sua enciclopédia. Claro, que alguns textos foram propositalmente colocados em uma ordem específica, a fim de produzirem um determinado efeito de sentido:



Arquivos de Dresner (2013) – p.55.

No poema, escrito por seu suposto heterônimo, o autor compara aspectos da natureza que possuem certa grandeza e, no final, enaltece a ideia colocando-a acima de todas as outras coisas e no verbete de Malgorzata – outra personagem criada por Cruz – há a noção de que agir racionalmente é um instinto, é natural do homem. Logo, ambos podem

ser lidos separadamente, mantendo seu sentido completo, mas, ao analisá-los como um todo, parece haver uma relação entre o instinto que promove o uso da racionalidade e, por consequência, leva a criação de uma ideia, enaltecendo a questão do racionalismo. Entretanto, nada impede que o leitor realize um caminho inverso, desordenado ou que siga sua intuição. Na obra *As Aventuras de Alice*, de Lewis Carroll, há um trecho que dialoga muito com Borges:

Num dado momento, Alice encontrou muitos caminhos, que seguiam em diferentes direções. Então ela perguntou a um gato, que estava sentado numa árvore:

- Pode me dizer, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?
- Isso depende muito de para onde você quer ir — respondeu o gato.
- Eu não sei.

O gato, então, respondeu sabiamente:

- Sendo assim, qualquer caminho serve.

(Carroll, Lewis, ano, p.182).

Dessa forma, o propósito disso tudo é causar reflexões gerando conhecimento. A partir do momento que um livro chega às mãos de um leitor, ele se torna uma Alice, perdendo-se e encontrando-se a cada leitura realizada e realizando o movimento semelhante ao da personagem, porém da vida real: mergulhar num mundo estranho e desconhecido que exigirá muito amadurecimento para lidar com o novo contexto. E, como consequência, há a promoção de conhecimento sobre si e sobre o outro, se é que essa delimitação de fato existe, já que tudo o que o outro não é, eu sou. Assim, o eu e o outro são vistos não como distintos e sim como complementares (pensamento muito relacionado à ideia da dialética, dita anteriormente), assim como as culturas valorizadas e as não valorizadas, que Cruz busca ressaltar.

Homo Ludens e o jogo

A obra intitulada *Homo Ludens* (2019), de Johan Huizinga, discorre sobre o jogo como um fenômeno cultural anterior à cultura (já que essa pressupõe a existência da sociedade humana) e pela qual a sociedade humana nasce e se desenvolve. Daí a

brincadeira com o termo *homo sapiens*, nome científico designado à sociedade humana moderna e que, para Huizinga, poderia também se chamar *homo ludens*, ou seja, o “homem lúdico”, o homem que joga, referindo-se ao inatismo que o jogo possui na história da humanidade. Huizinga frisa a ideia de que o homem contemporâneo é dotado de uma sensibilidade estética, fazendo com que se encante por tudo que pareça “estranho” – o que explicaria seu gosto por máscaras e disfarces. E o que seria mais estranho do que uma obra que é intitulada como enciclopédia, mas que não contém propriamente um conteúdo que corresponde ao seu nome? Não podemos também dizer que essa estrutura enciclopédica não seria uma espécie de máscara ou disfarce de seu conteúdo? Huizinga também cita R. R. Marett, que no capítulo “Primitive Credulity”, da obra *O Limiar da Religião* (1914), em que diz que as religiões primitivas como um todo possuem um elemento de “faz de conta”, estando num limiar entre a consciência e a ilusão, numa espécie de dialética entre ser e não ser ambos os fatores.

Assim, pode-se ler perfeitamente as idéias de Huizinga com a obra de Afonso na medida em que a obra encontra-se nesse espaço de pertencer ou não ao gênero que lhe intitula tanto por sua estrutura como por seu conteúdo, tanto que lhe acarreta até problemas editoriais no sentido de, por exemplo, não ser trazido ao Brasil pelas editoras justamente pela dificuldade de classificação da obra.

Além disso, o aspecto lúdico a que Huizinga define como algo inato ao ser humano está muito presente na obra de Cruz. Primeiramente, temos o fato de que a obra de Cruz é composta por Estórias, narrativas de cunho popular e tradicional, ao invés de um apanhado de fatos que comumente se encontraria numa enciclopédia, configurando um jogo muito irônico de se comparar estórias com fatos selecionados e explicados sob uma perspectiva, que, no geral, é privilegiada, e que são vistos como pertencentes à história humana, colocando-os em par de igualdade em relação à sua relevância. Em segundo lugar, também podemos ver um jogo de multiplicidade de vozes e, portanto, de pontos de vista dentro da obra, de forma que há diversas contraposições de opiniões. Esse movimento é bem interessante para uma obra que traz uma perspectiva crítica, justamente não defendendo cegamente um lado e sim trazendo diferentes cosmovisões, de forma que o leitor pode escolher qual se aproxima mais da sua, além de poder ter contato com outras que são divergentes.

Por fim, existe a possibilidade de utilizar a *Enciclopédia* de Afonso Cruz como se fosse uma espécie de jogo, como uma caça ao tesouro ou um livro de mensagens diárias.

Assim, tem-se uma versatilidade muito grande em relação às possibilidades de ler essa obra, característica que contribui muito para o caráter leve que a obra possui, já que não é uma obra dotada de uma crítica agressiva e sim sutil, por meio desses jogos, caracterizando mais um aspecto lúdico dela.

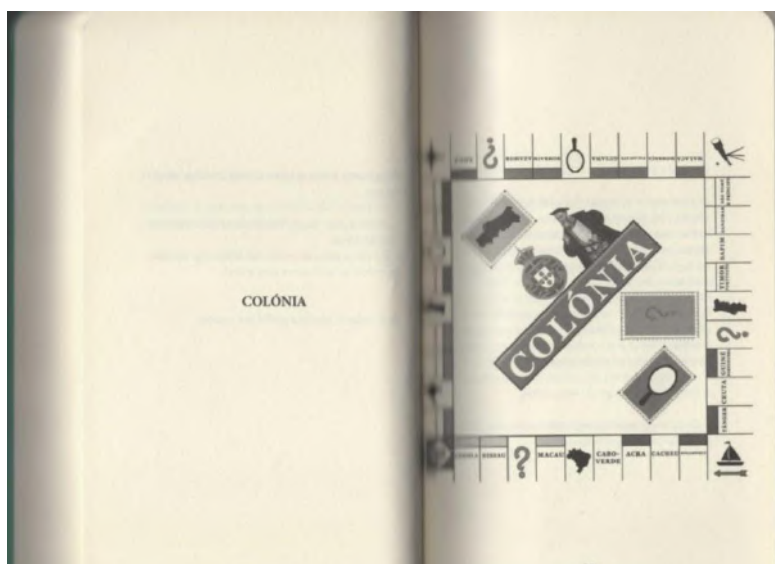
Tendência da literatura contemporânea — Afonso Cruz e Patrícia Lino:

A literatura portuguesa contemporânea tem se mostrado revolucionária devido ao movimento de apropriação e transformação que realiza. Durante séculos de tradição literária, existem obras que, sendo por seu conteúdo, sua forma ou ambos, mostram-se dotados de uma “verdade”, porém com a chegada da modernidade, esse status quo se abala. Ben Singer defende a ideia de que a chegada da modernidade trouxe o que chama de “desamparo ideológico”, em que todos os valores e normas estão sujeitos a serem questionados de forma que não possuem mais esse status definitivo de lei. Assim, podemos constatar que é isso o que ocorre na literatura contemporânea portuguesa: autores estão se apropriando de formatos e obras que são vistas como uma lei, como uma espécie de verdade imutável e as transformando em objetos que realizam um movimento diferente da ideia original. Ao invés de ser uma literatura que só funciona como uma referência de verdade, agora passa a realizar o movimento de instigar uma consciência crítica e o exercício mental da reflexão no leitor, brincando com a própria estrutura e com o conteúdo da obra, e colocando as histórias no mesmo patamar das informações comumente encontradas numa enciclopédia e, portanto, trazendo a possibilidade de haver diferentes verdades e não somente aquela que foi convencionalmente formulada para ser considerada uma lei.

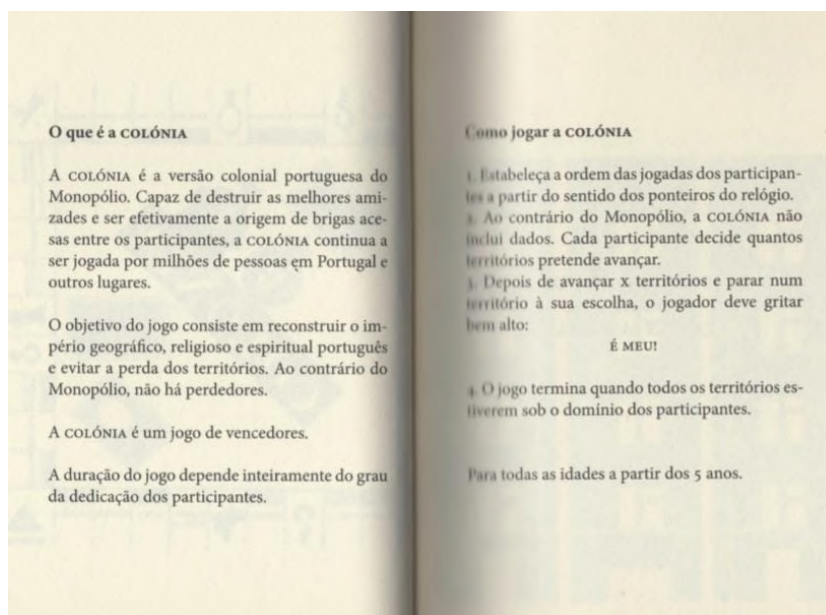
A *Enciclopédia* possui uma estrutura muito própria: os verbetes são organizados em ordem alfabética e cada um deles possui uma definição, informações históricas e relacionadas e talvez, mas não necessariamente, alguma curiosidade. Dessa forma, eram muito utilizadas antes do advento da internet como forma de consulta, como uma espécie de “pai do Google”, tendo um lugar cativo na estante de toda família e sendo conhecido por aquele design de ser composto por vários livros, geralmente, em capa dura, formando uma coleção. Cabe mencionar, também, que a linguagem formal é imprescindível nessas obras, além do uso da 3ª pessoa do discurso, destacando uma impessoalidade que afirma uma ausência de juízo de valores e atesta a tipologia textual do tipo texto expositivo e,

mais aprofundadamente, um texto informativo-expositivo, desprovido de opinião pessoal e possuindo somente a função de transmitir informações. No caso da *Enciclopédia da Estória Universal* de Afonso Cruz, pode-se dizer que o autor modifica toda a estrutura enciclopédica em relação ao conteúdo da obra — seus verbetes não contém propriamente uma definição de algum termo e sim são seleções do autor, compostas por pequenos contos, trechos de obras, citações, estórias e até imagens, configurando, portanto, pequenas narrativas — e também acaba brincando com a questão da ordem alfabética, já que o autor realiza adaptações no nome dos verbetes para que se encaixem na letra em questão, sendo a ordem composta muitas vezes pela interconexão que uma estória ou um autor têm com o outro.

Outrossim, Patrícia Lino — poeta, ensaísta e professora universitária de literaturas e cinema luso-brasileiros na UCLA — também realiza um movimento semelhante (e até mais ousado) ao de Afonso Cruz. Em sua obra intitulada *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Colonial* (2020), Lino brinca com a estrutura de um manual trazendo como referenciais culturais elementos que, no geral, pertencem ao nosso cotidiano, mas todos caracterizados como sendo de uso dos portugueses, de forma que ela apresenta um elemento português e o critica em sua própria definição como, por exemplo, o uso do jogo de tabuleiro chamado Monopólio, como visto nas imagens abaixo:



O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Colonial (2020) – p. 94 e 95.



O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Colonial (2020) – p. 96 e 97.

O jogo — docemente apelidado de “Monopoly”, para que os jogadores se divirtam sem notarem que estão interpretando um papel puramente capitalista e que também é a origem de tanta desigualdade social e pobreza mundial — que Patrícia apresenta como “Colônia” consiste na apropriação de terras que só termina quando todos os territórios estiverem dominados. Logicamente, Lino realiza uma crítica direta ao colonialismo português, frisando a irracionalidade dos portugueses ao dominar terras e, portanto, culturas, vidas, hábitos, sem se importar e visando o lucro, literalmente como se fosse o jogo Monopólio, e, com isso, demonstra a incoerência que existe entre o elemento em si (os portugueses) e seu uso (os atos cometidos pelos portugueses), expressando sua opinião de repulsa em relação ao passado de seu próprio país. Por fim, ainda afirma: “[...] a Colônia continua a ser jogada por milhões de pessoas em Portugal e outros lugares.”(Lino, 2020, p.96)

Esse trecho é de grande relevância pois não se trata somente de uma crítica a um passado português distante, mas é a afirmação de que as ideias e formas violentas de exploração e dominação colonialistas e essencialmente capitalistas continuam presentes não só nas sociedades portuguesas como em outros lugares.

É de grande destaque, portanto, esse movimento dos autores contemporâneos

portugueses em realizar esse movimento de brincar com estruturas que possuem uma autoridade que não é questionada, já que são vistas como verdades, e trazerem à tona questões que relacionam-se com assuntos amplos, mas que são “ditos” por culturas não eurocêntricas, como no caso de Afonso Cruz, e que denunciam a manutenção e a urgência do fim do pensamento colonialista, imprescindivelmente conectado à lógica capitalista.

Conclusão

Podem-se observar diversos aspectos e **apelos** na obra de Afonso Cruz e ainda há muitos outros além dos citados, mas a questão mais relevante acerca do autor é o fato de se reconhecer numa posição de privilégio e assim poder utilizar seu nome e sua voz para fortalecer autores e questões que não o tem. Uma passagem que resume bem a *Enciclopédia* como um todo é o recortado a seguir:

TRAIUÇÃO

Augustine Mutiu fez uma carreira especialmente interessante no mundo literário. A certa altura, trabalhando como intérprete de chinês, começou por, numa palestra, em vez de traduzir o que o escritor Han Wang dizia, contar uma história da sua autoria. O sucesso foi imediato. Repetiu o processo mais algumas vezes, sempre com o mesmo resultado. Aos poucos, começou a fazê-lo também nos trabalhos de tradução, em livros quer de poesia quer de prosa. Hoje sabe-se que foram publicados em França exactamente sete romances e três livros de poesia cujos conteúdos não correspondiam aos originais chineses, havendo sido substituídos por textos do tradutor. Até ser descoberta a farsa, três dos romances venceram importantes prémios literários em vários países.

Biblioteca de Brasov (2018) – p. 101.

Primeiramente, o título já chama a atenção por ser uma mistura entre os termos “traição” e “tradução”. Entretanto, no verbete conta-se a história de um escritor desconhecido que publicou suas obras utilizando o nome de um autor conhecido e, por

isso, suas obras foram premiadas, ou seja: a história pode ser vista literalmente através de dois pontos de vista: o primeiro da traição, na qual há uma perspectiva dupla em que há uma traição ao autor chinês, já que o conteúdo era do tradutor, e o tradutor trai a si mesmo, utilizando o nome de Hang. O segundo, a tradução, já que os leitores que liam os textos de autoria de Hang não tinham como saber que não eram do autor. Isso traz uma discussão dos dias atuais acerca do status agregado a certos nomes conhecidos e a descredibilidade e desvalorização de novos autores – que merece ser mais explorada. Porém, destaca-se aqui o movimento de Afonso Cruz de se colocar numa posição semelhante ao que ocorre no verbete, pois ao mesmo tempo que realiza um papel de tradutor do pensamento de culturas não eurocêntricas, de certo modo também trai a si mesmo fazendo uso de heterônimos a partir da noção do status que seu nome já possui, principalmente sendo um autor vindo de Portugal – país tão reconhecido pela sua literatura e pela obra de Camões.

Referência Bibliográfica:

Barthes, Roland. **Elementos de Semiologia**. 19ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

Berardinelli, Cleonice. **Fernando Pessoa: Outra vez te revejo...** 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2004.

Borges, Jorge Luís. **Ficções**. São Paulo: Editora Globo, 1999.

Carroll, Lewis. **As Aventuras de Alice**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1980.

Cavalcanti Filho, José Paulo. **Fernando Pessoa uma quase autobiografia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

Cruz, Afonso. **Arquivos de Dresner. Enciclopédia de Estória Universal**. 1ª edição. Portugal: Editora Objectiva, 2013.

_____, Afonso. **Biblioteca de Brasov. Enciclopédia de Estória Universal**. 1ª edição. Portugal: Editora Objectiva, 2018.

_____, Afonso. **Deuses e Afins. Enciclopédia de Estória Universal**. 2ª edição. Portugal: Editora Objectiva, 2022

_____, Afonso. **Recolha de Alexandria. Enciclopédia de Estória Universal**. 2ª edição. Portugal: Editora Objectiva, 2012.

_____, Afonso. **Recolha de Morel. Enciclopédia de Estória Universal**. 2ª edição. Portugal: Editora Objectiva, 2022.

_____, Afonso. **Mar. Enciclopédia de Estória Universal**. 2ª edição. Portugal: Editora Objectiva, 2015.

_____, Afonso. **As Reencarnações de Pitágoras. Enciclopédia de Estória Universal**. 2ª

edição. Portugal: Editora Objectiva, 2015.

_____, Afonso. **Mil Anos de Esquecimento. Enciclopédia de Estória Universal.** 2ª edição. Portugal: Editora Objectiva, 2016

Darnton, Robert. **O Iluminismo como Negócio.** 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Didi-Huberman, Georges. **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 1998.

Gandelman, Tatiana Maria. *Elfahrung e Erlebnis* em Walter Benjamin. **Revista Garrafa,** Rio de Janeiro, número 33, janeiro-junho, p.72-87.

Garaudy, Roger. **Para Conhecer o Pensamento de Hegel.** Rio Grande do Sul, 1983.

História da literatura alemã. 2ª edição. São Paulo: Editora Herder, 1967.

Huizinga, Johan. **Homo Ludens.** 9ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

Lino, Patrícia. **O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial.** Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020.

Macedo, Helder. **Camões e a Viagem Iniciática.** Rio de Janeiro: Móbile, 2013.

Pinto, Júlio Pimentel. **Uma Memória do Mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges.** São Paulo: Editora Estação da Liberdade Ltda, 1998.

Rosenfeld, Anatol. **História da Literatura e do Teatro Alemães.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

Singer, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: Leo Charney e Vanessa Schwartz(orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna.** São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

Sophia de Mello Breyner Andresen. **Navegações.** 1ª edição. Portugal: Porto Editora, 2015.